



A EXPORTAÇÃO DE CAPITAL COMO ELEMENTO DA NATUREZA DAS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (1902 – 1906)

David Williams Barros Vieira¹

Hindenburgo Francisco Pires²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo revelar a associação existente entre o processo de reestruturação e acumulação capitalista no âmbito mundial e as transformações espaciais (1902 – 1906) ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, durante o período da reforma urbana de Pereira Passos. Neste sentido, pretende-se explicitar os mecanismos que alavancaram as transformações socioespaciais na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Neste processo, uma reestruturação no ciclo de acumulação e a expansão do capital financeiro através da exportação de capital excedente foi preponderante na produção de um novo espaço urbano, moderno e segregado, na então capital federal.

Palavras chaves: Acumulação capitalista, Rio de Janeiro, Transformações espaciais, Capital financeiro, Expansão financeira.

ABSTRACT

This article aims to reveal the existing association between the process of restructuring and capitalist accumulation on a global scale and the spatial transformations (1902 - 1906) that occurred in the city of Rio de Janeiro during the urban reform period of Pereira Passos. In this sense, it seeks to elucidate the mechanisms that drove the socio-spatial transformations in the city of Rio de Janeiro at the beginning of the 20th century. In this process, a restructuring in the accumulation cycle and the expansion of financial capital through the export of surplus capital was crucial in the production of a new urban space, modern and segregated, in what was then the federal capital..

Keywords: Capitalist accumulation, Rio de Janeiro, Spatial transformations, Financial capital, Financial expansion.

INTRODUÇÃO

¹Mestre em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Doutorando em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Contato: davidwilliams@bol.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-6548-338X>. Este trabalho é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);

² Professor orientador: Pós-Doutorado. Libera Università di Lingue e Comunicazione - Milano, IULM, Itália. Doutor em Geografia (Geografia Humana). Universidade de São Paulo, USP, Brasil., Professor Associado do Departamento de Geografia Humana e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ (PPGEO UERJ), hindenburgo@uerj.br



As transformações do espaço urbano na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, se realizam por meio de um processo inserido no bojo da economia-mundo capitalista. Esse processo almejava ampliar a acumulação de capital, operando através da expansão do capital financeiro por novos territórios da periferia capitalista mundial. A expansão financeira repercutiu, produzindo um tecido urbano-industrial sobre os escombros da cidade colonial carioca, trazendo consigo todas as contradições inerentes a este processo.

O processo que pretendemos explicitar está inserido um conjunto de transformações espaciais que ficou conhecido, nas principais produções científicas, como Reforma Urbana Pereira Passos (1902-1906). O nome do prefeito que a chefiou compõe o termo que se refere ao recorte espaço-temporal mencionado, devido a abrangência marcante de sua atuação que revolucionou formas e funções da cidade. “O Prefeito Passos comandou, então, no curto período de quatro anos, a maior transformação já verificada no espaço carioca até então, um verdadeiro programa de reforma urbana” (Abreu, 2006, p.60).

Neste período o debate se centrava, principalmente, na falta de condições sanitárias adequadas e as epidemias regulares³ que assolavam a cidade, a questão do déficit habitacional, a falta de mão de obra e os problemas da mobilidade urbana. Contradições de uma cidade que apresentava uma forma espacial urbana de características coloniais, mas almejava um modo de vida urbano-industrial. A transformação da forma urbana visava sobretudo resolver as contradições que ela apresentava.⁴ Tais transformações são bastante difundidas e analisadas pela literatura especializada da Geografia e da História, por isso, nos ateremos na lacuna referente aos mecanismos que viabilizaram as transformações espaciais

Segundo Flavio Villaça (1999) a Reforma Urbana de Pereira Passos está do bojo do primeiro período (1875-1930), em um conjunto de três períodos totais, que caracteriza a história recente do planejamento urbano no Brasil. É marcado pelos planos de melhoramento e embelezamento ainda herdeiros da forma urbana monumental que exaltava a burguesia e que destruiu a forma urbana medieval (e colonial, no caso do Brasil). É o “urbanismo de Versalhes, de Washington, de Haussmann e de Pereira Passos” (Villaça, 1999, p. 10).

Entendemos haver uma relação ideológica entre a prática de Haussmann - prefeito que realizou a reforma da cidade de Paris – e a do prefeito do Rio de Janeiro, pois Passos acompanhou de perto a reforma urbana parisiense (1853-1870), que visou adequar a cidade às formas modernas de acumulação capitalista. Neste sentido, o Rio de Janeiro se espelhou no

³ Principalmente de varíola e febre amarela, ver Sevcenko, 2013, p. 32.

⁴ Abreu, 2006, p. 60.



exemplo de Paris, onde verificou-se que “o aumento da regularidade, do volume e da velocidade dos fluxos de mercadorias que entravam nas fábricas e eram escoadas nos mercados da cidade reduziu o tempo de giro do capital” (Harvey, 2015, p. 152). Essa dinâmica espacial configurada a partir da “reorganização do sistema de transporte e comunicação”, é usada para a absorção do capital excedente e, conseqüentemente, viabilizar a acumulação de capital ampliando as possibilidades de negócios (Harvey, 2015, p. 149).

Quando esteve na França, Passos acompanhou várias obras importantes, como “a construção da estrada de ferro entre Paris e Lyon, as obras do porto de Marselha, a abertura do túnel no monte Cennis e a construção da ponte sobre o rio Coing (...) Presenciou, também, as obras empreendidas na capital francesa” (...) (Benchimol, 1993, p. 192). Diante disto, e das similaridades quanto a forma e conteúdo das duas reformas, é consenso na comunidade científica que a Reforma Passos teve forte inspiração na reforma haussmaniana de Paris. Mauricio de Abreu (2006) diz que as transformações espaciais na cidade do Rio de Janeiro foram “(...) motivadas (assim como a de Paris)⁵, sobretudo, pela necessidade de adequar a forma urbana às necessidades reais de criação, concentração e acumulação do capital”.⁶ Seguindo tendência já estabelecida no âmbito dos países centrais do capitalismo, como observado.

As transformações espaciais locais, neste momento da acumulação capitalista, estão associadas à produção de excedentes de capital na escala global. Havia uma produção de excedentes de capital oriunda da “chamada ‘segunda revolução industrial’” que projetou países como potências econômicas, ou seja, na condição de centrais na dinâmica capitalista, mais precisamente aqueles que foram “revolucionados também pela grande indústria capitalista” (Benchimol, 1993, p. 40-1). Em um segundo momento, como resposta à acumulação de excedentes nestes países, “o capital financeiro alastrou seus tentáculos pelas regiões mais diversas do globo”.⁷ Como poderemos verificar, o alastramento do capital financeiro pelo mundo já se anunciava a partir da segunda metade do século XIX.

A ideia de reestruturação está relacionada a permanências e transformações. É este ponto que mais nos interessa, pois as transformações ocorridas na economia mundial, ao longo da segunda metade do século XIX, influíram decisivamente sobre os rumos tomados na evolução⁸ espacial da cidade do Rio de Janeiro, sendo a Reforma Passos um desdobramento local na

⁵ Parênteses por minha conta, fundamentada nas análises propostas no texto.

⁶ Abreu, 2006, p. 59.

⁷ Benchimol, 1990, p. 41.

⁸ Considere-se aqui o termo evolução em sua acepção darwiniana, ou seja, não necessariamente no sentido de melhoria contínua, mas sim, como resultado de uma adaptação com relação as condições impostas.



inflexão da reestruturação na escala global da acumulação. Sobre a reestruturação da acumulação na escala global e a sua passagem para um nível superior, que aprofundaremos no próximo tópico, descreve, Benchimol:

a passagem do capitalismo a um estágio superior de seu desenvolvimento caracteriza-se precisamente (...) pelo papel dominante que a partir dessa época passa a ser desempenhado pelas exportações de capitais (...) O capital não se limita mais à troca de produtos; busca agora se apropriar da própria produção a nível internacional.⁹

Da acumulação imperialista à expansão do capital financeiro

A reestruturação que levou ao estágio superior do desenvolvimento capitalista ocorreu através da mudança na apropriação da base territorial para fins de acumulação de capital. Essa mudança, que trata da expansão financeira, decorreu de alterações no contexto das cadeias produtivas no final do século XIX e início do XX. “A ideia de sucessivos ciclos sistêmicos de acumulação derivou (...) de que todas as grandes expansões comerciais da economia capitalista mundial anunciaram sua “maturidade” ao chegarem ao estágio da expansão financeira (Arrighi, 1994, p. 88).

Essa maturidade se engendra ainda no ciclo de acumulação anterior (ciclo comercial) que se apoiava, principalmente, nas conquistas territoriais logradas pelos países centrais do capitalismo no contexto do Imperialismo. Neste sentido, Arrighi, inspirado em Frederic Lane desenvolve o raciocínio que nos auxilia a compreender este processo. O autor descreve como governos e empresas privadas se relacionaram no processo de acumulação de capital no ciclo comercial até a ascensão do ciclo mais avançado (da expansão financeira)¹⁰, representado pela livre empresa contemporânea na acumulação de capital:

Podemos distinguir dois tipos de organizações com base em seus objetivos, nos métodos empregados e em suas consequências sociais. Os governos são organizações voltadas para o poder, que utilizam a guerra, a força policial e os procedimentos jurídicos, suplementados por apelos aos sentimentos morais, como meios característicos de atingir seus objetivos; elas geram sistemas de direito e de fidelidade. As empresas comerciais, em contraste, são organizações voltadas para o lucro, que utilizam como atividades costumeiras a compra e a venda; geram sistemas de produção e distribuição (Arrighi, 1994 p. 87)

Sendo assim, a fase avançada, a da expansão financeira, se desdobra de mudanças na relação entre governos e empresas privadas. “No princípio, as redes de acumulação de capital

⁹ Silva, S, 1976, p. 30-2, Apud Benchimol, 1993, p. 41.

¹⁰ Parênteses inserido por minha conta.



estavam inteiramente inseridas em redes de poder (governos)¹¹ e lhes eram subordinadas”, contudo à medida que acumulação se expandia junto aos domínios territoriais, atribuído ao aparato e guerra das nações imperialistas, “elas se tornaram cada vez mais autônomas e dominantes em relação as redes de poder” (Arrighi, 1994 p.87/88).

Em síntese, a reestruturação na economia capitalista mundial que definiu novas estratégias e formas de acumulação, se tornando hegemônica na passagem do século XIX para o XX, seguido até a década de 1970, quando se inicia outro ponto de inflexão da acumulação, relativo ao estouro da dívida nos países da periferia capitalista¹²; impactou decisivamente o espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro. Isto, através da expansão da expansão financeira, resultado da transição de um “sistema em que as redes de acumulação estavam inteiramente inseridas nas redes de poder e subordinadas a elas para um sistema em que as redes de poder estão completamente inseridas nas redes de acumulação e subordinadas a estas” (Arrighi, 1994 p. 88).

As transformações na acumulação capitalista no tempo e no espaço são inerentes a própria natureza do modo de produção, pois trata-se de uma “combinação dos processos moleculares da acumulação infinita do capital no tempo e no espaço” (Harvey, 2013, p. 155). Neste sentido, espaço e tempo devem ser tratados de modo unificado, assim como na concepção cunhada por Einstein, ao se referir à base material do universo: o espaço-tempo, entendido enquanto uma unidade, foi a esteira dos processos de acumulação o capital. Neste sentido, concordamos que “o capital se esforça para produzir uma paisagem geográfica favorável à sua própria reprodução e subsequente evolução”¹³. É nesse esforço que se inseriu a exportação de capitais.

A exportação de capital

A exportação de capital, um dos aspectos do que Harvey chamou de “terceiro recorte”¹⁴ da crise, pode ser entendida, no bojo da expansão financeira, como uma via de mão dupla, que daria ao capital excedente (europeu)¹⁵ o espaço necessário para sua expansão e posterior reprodução, ao mesmo tempo em que resolveria a questão da escassez de capital em espaços

¹¹ Idem.

¹² Harvey, David. 17 contradições e o fim do capitalismo. São Paulo. Boitempo Editorial, 2016, p. 245.

¹³ Idem.

¹⁴ Harvey, David. Os Limites do Capital, Boitempo Editorial, São Paulo: 2013.

¹⁵ Parênteses de caráter elucidativo.



periféricos. Esse mecanismo garantiria à cidade do Rio de Janeiro recursos para sua transformação urbana e, favoreceria, o acúmulo de capital.

Este mecanismo estava associado à elaboração de estratégias, nos espaços de capitalismo mais avançados, ou seja, centros financeiros que deliberavam ações coordenadas, mas não integradas, que estabelecem “mecanismos”¹⁶ que atuam no sentido de adiar os efeitos autodestrutivos da crise econômica.

De um modo prático, como já mencionado, isso se dava através da antecipação do capital excedente que ainda não se reinseriu no processo produtivo. Ocorreria por meio de um sistema financeiro, que passou a integrar a dinâmica das relações capitalistas no alvorecer da modernidade e atuou fomentando e impulsionando a produção através da concessão de crédito mediante pagamento de juros.

Um exemplo similar simples ocorre na própria atividade produtiva capitalista por meio de uma antecipação de capital ao produtor por um prestamista antes mesmo do circuito produtivo se fechar com a venda das mercadorias. Quando o circuito produtivo se realiza com a realização do mais-valor (lucro), uma parte deste capital necessariamente deve ser destinada a retornar ao prestamista na forma de juros. Essa dinâmica produtiva se tornou comum nos séculos XIX e XX, e em suas análises sobre a natureza do capitalismo, Marx a denominou como produção de *capital fictício*¹⁷. Uma projeção de ganhos que se espera para o futuro, após o encerramento do ciclo produtivo.

Nesta dinâmica, o crédito pode servir para financiar a produção e o consumo das mercadorias, impulsionando o movimento do capital nas duas pontas do processo. No caso da produção “a única função do dinheiro é, em geral, a de meio de pagamento, isto é, a mercadoria é vendida não em troca de dinheiro, mas de uma promessa escrita de pagamento a ser realizado em determinado prazo” (Marx, 2017, p. 389)

Essas adaptações reestruturastes emergem, em última instância, da necessidade de “medidas para manter a acumulação perpétua de capital” (Harvey, 2016, p. 240). E, contraditoriamente, o processo de acumulação “não consiste somente em produção de valor mais em desvalorização”¹⁸. Para explicar a essência desses preceitos, somos direcionados à dinâmica da queda progressiva da taxa de lucro. Marx e Engels (2017, p. 213), no terceiro livro de O Capital, tratam sobre a queda progressiva da taxa de lucro como resultado das contradições

¹⁶ Harvey, David. Os Limites do Capital, Boitempo Editorial, São Paulo: 2013.

¹⁷ Marx, K. O Capital – Livro II – O Processo de Circulação do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

¹⁸ Idem.



do próprio capitalismo. Os autores afirmam que se trata de uma lei que, mais cedo ou mais tarde se manifestará na dinâmica produtiva, principalmente, nos espaços de capitalismo avançado. Os autores cintam que uma mesma taxa de mais-valor se mantendo e um grau de exploração igualmente constante do trabalho se desdobra inexoravelmente numa taxa decrescente de lucro. Isso porque com o aumento do volume da produção, também aumenta, ainda que não na mesma proporção, o volume de valor do capital constante (capital investido no ciclo produtivo) e, necessariamente, do capital total. O autor destaca:

Com um salário e uma jornada de trabalho dados, um capital variável, por exemplo, de 100, representa um número determinado de trabalhadores postos em movimento; ele é o índice desse número. Seja de £100 o salário de 100 trabalhadores, digamos, por 1 semana. Se esses 100 trabalhadores efetuam tanto trabalho necessário quanto mais-trabalho, ou seja, se trabalham diariamente tanto tempo para si mesmos, isto é, para a reprodução de seu salário, quanto para o capitalista, quer dizer, para a produção de mais-valor, seu produto de valor total seria = £200, e o mais-valor por eles gerado seria de £100. A taxa do mais-valor m/v seria = 100%. No entanto, ela se expressaria, como vimos, em taxas de lucro muito diversas segundo os vários volumes do capital constante c e, por conseguinte, do capital total C , uma vez que a taxa de lucro = C (Marx, 2017, p.213).

1)	se $c=50$	e	$v=100$, então	l'	=	$100/150 =$	$66\frac{2}{3}\%$
2)	se $c=100$	e	$v=100$, então	l'	=	$100/200 =$	50%
3)	se $c=200$	e	$v=100$, então	l'	=	$100/300 =$	$33\frac{1}{3}\%$
4)	se $c=300$	e	$v=100$, então	l'	=	$100/400 =$	25%
5)	se $c=400$	e	$v=100$, então	l'	=	$100/500 =$	20%

As fórmulas sinalizam que uma mesma quantidade de trabalhadores, mantida por um capital variável constante, pode aumentar sua produtividade - produzir mais mercadorias -com o aumento do capital constante, ou seja, uma massa crescente de métodos de trabalho, matérias-primas e maquinarias mais avançadas, consumindo o mesmo tempo de trabalho. Deste modo, o capital constante tende a crescer e, por conseguinte, o capital total.

A produtividade aumentada, com a quantidade igual ou menor de trabalho humano leva a um barateamento da mercadoria/produto no mercado. Em suma, um aumento progressivo de capital constante associada a uma queda ou manutenção do capital variável gera uma composição orgânica cada vez mais alta do capital total. Tal estrutura produz uma tendência à diminuição progressiva da taxa de lucro.

Cabe ressaltar, que os autores esclarecem que a taxa de lucro não possa diminuir devido a outras circunstâncias de natureza diferentes, mas essa análise se baseia na essência do próprio capitalismo que, em seu progresso, a taxa média geral do mais-valor tem necessariamente de se expressar numa taxa geral decrescente de lucro.

Assim como a massa do trabalho vivo empregado sempre decresce em relação à massa do trabalho objetivado que o trabalho vivo mobiliza, isto é, em relação aos meios de



produção produtivamente consumidos, também à parte desse trabalho vivo que não é paga e que se objetiva em mais-valor tem de encontrar-se numa proporção sempre decrescente em relação ao volume de valor do capital total empregado. E essa proporção entre a massa de mais-valor e o valor do capital total empregado constitui a taxa de lucro, que tem, portanto, de diminuir constantemente (Marx, 2017, p. 215).

Neste sentido, a superacumulação que torna boa parte do capital ociosa e leva, por conseguinte, a um novo processo de desvalorização. Contudo, o problema pode ser superado momentaneamente através de operações relativas ao próprio *capital fictício*. Pois, a potencialidade para o *capital fictício* está dentro da própria forma dinheiro e está particularmente associada com a emergência do dinheiro creditício. “Se capital é mandado para o exterior, isso não ocorre por ser impossível ocupá-lo no interior, mas porque no exterior pode-se investi-lo com uma taxa de lucro mais alta. (Marx, 2017, p. 254).

Harvey (2013) diz que o *capital fictício* foi “responsável por financiar as transformações espaciais, dando novas funções e formas as cidades”. O autor nomeou esse processo de *ajuste espaço-temporal*. “Com tais práticas se objetiva dar folego ao sistema e reativar a circulação de mercadorias, a produção de valor e dar continuidade a acumulação de capital.”¹⁹ Expandindo-se, assim, o modo de produção capitalista pelo espaço, ou seja, a partir da produção de mais espaço no molde do capitalismo moderno. É nesta esteira que a cidade do Rio de Janeiro se insere.

As transformações espaciais do Rio de Janeiro

No caso da transformação espacial da cidade do Rio de Janeiro, as obras do porto da cidade que eram de responsabilidade do governo federal, chefiado por Rodrigues Alves, foram financiadas com empréstimos oriundos da Inglaterra. “Para financiar as obras de Pereira Passos, o governo conseguiu da Inglaterra um empréstimo de 136.000 contos (8.500.000 libras) quase metade da receita da União (312.000 contos, em 1903). Recorreu-se também a empréstimos internos” (*Nosso Século*, 1980, p. 34).

A prefeitura, por sua vez, também articulou para levantar fundos junto ao exterior para financiar suas intervenções espaciais. A Lei Nº 1.101 de 19 de novembro de 1903 modifica a lei orgânica do Distrito Federal e autoriza o Prefeito a realizar um empréstimo para saneamento e embelezamento da Capital Federal.

Fica o Prefeito autorizado a realizar, no paiz ou fôra d'elle, as operações de crédito necessárias até 4.000.000 esterlinos para occorrer ás despesas com o saneamento e

¹⁹ Harvey, David. Os Limites do Capital, Boitempo Editorial, São Paulo: 2013.



embellezamento da Capital Federal, ficando revogada a autorização dada ao Governo da União pelo art. 5º das disposições transitórias da lei n. 939, de 29 de dezembro de 1902 (Diário Oficial da União – Seção 1 de 21/11/1903)

“Em 31 de dezembro, o Conselho Municipal autorizou-o a oferecer o produto do imposto predial como garantia do empréstimo” (Benchimol, 1990, p.255). Após algumas tentativas fracassadas, por meio de intermediários, devido a exigências dos credores extremamente desfavoráveis a Prefeitura, Passos tratou de levantá-lo na própria praça do Rio, por intermédio do Banco da República, sob as seguintes condições: “o empréstimo de 4 milhões de libras seria emitido, por intermédio do banco, em 200 mil apólices ao portador, de 20 libras cada, ao tipo de 85%, vencendo juros de 5% ouro, com a amortização de ½%, sendo o resgate feito em 50 anos”²⁰.

O produto do empréstimo destinava-se às obras públicas, assim como o resgate das apólices-papel, que seria feito por compra em praça, permuta de títulos ou sorteio (os tomadores podiam permutar dez apólices-papel por seis apólices-ouro do novo empréstimo) A renda do imposto predial seria entregue ao Banco da República para o serviço de juros e amortização das apólices-papel em circulação, sendo que a Prefeitura se obrigava a receber, como dinheiro, no pagamento do imposto predial, os cupões vencidos e apólices-ouro sorteadas. Estas seriam pagas no Rio, em Londres, Paris, Lisboa e Porto (Benchimol, 1990, p.255)

Tais ações, evidentemente, viabilizou a realização de inúmeras obras de infraestrutura, remodelamento e embelezamento alterando e incrementando não só a paisagem, mas, principalmente, a dinâmica da acumulação de capital na cidade e no exterior. Com efeito, emergem novas contradições, inerentes à acumulação em espaços periféricos do capitalismo e as próprias especificidades da cidade, facilmente perceptíveis na paisagem até os dias atuais.

METODOLOGIA

Através desde diálogo entre autores e da obtenção de dados, relativos as movimentações financeiras, foi possível os mecanismos que viabilizaram as transformações espaciais na cidade do Rio de Janeiro.

²⁰ Benchimol, 1990, p. 255.



Elegeremos de modo mais amplo o método do materialismo histórico-geográfico dialético por possuir maior musculatura às questões das transformações espaciais realizadas pelo modo de produção capitalista.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em termos de base teórica principal Karl Marx, David Harvey e Giovanni Arrighi (1994) para tratar das contradições, acumulação, reestruturação capitalistas e, consequentemente, da expansão do capital financeiro.

Maurício de Abreu (2006) e Jaime Larry Benchimol (1993) foi nossa base no modo de abordar as transformações espaciais dentro da dinâmica capitalista no âmbito da Reforma Urbana de Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exportação de capital inserida no processo de expansão do capital financeiro é um dos aspectos do que Harvey (2013) chamou de “terceiro recorte” da crise, pode ser entendida como uma via de mão dupla, que daria ao capital excedente europeu o espaço necessário para sua expansão e posterior reprodução, ao mesmo tempo, resolveria a questão da escassez de capital para que o Rio de Janeiro realizasse seu plano de melhoramentos e embelezamento.

Esse mecanismo se origina pela lei da queda progressiva da taxa de lucro. Isso ocorre porque com aumento do volume da produção, também aumenta, ainda que não na mesma proporção, o volume de valor do capital constante (capital investido no ciclo produtivo)²¹ e, necessariamente, do capital total. E essa proporção entre a massa de mais-valor e o valor do capital total empregado constitui a taxa de lucro, que tem, portanto, de diminuir constantemente” (Marx, 2017, p. 215).

A contradição gerada pelos excedentes dos ciclos de acumulação, conforme analisado por Giovanni Arrighi, produziu uma reestruturação que buscava eliminar o excedente de capital, na condição de capital fictício, através do processo de exportação de capital (expansão financeira).

²¹ Parênteses por minha conta.



Estando inserido no ciclo de reprodução do capital, esse processo foi capaz de reproduzir na cidade do Rio de Janeiro um papel em que as relações socioespaciais de produção estavam alinhadas ao capitalismo vigente na economia-mundo.

Consideramos nosso trabalho, no tocante aos mecanismos que viabilizaram a Reforma Urbana de Pereira Passos, como um ponta pé inicial à uma discussão que ainda pode ter contribuições, objeções e aprimoramentos pela Geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a parte mais original de nossa pesquisa foi a de tentar expor as condições que possibilitaram a realização da Reforma Urbana de Pereira Passos. Ou seja, através de um processo associado à dinâmica do modo de produção capitalista na escala mundial, explicada pela teoria da crise de Marx e aprofundada pelo geógrafo britânico David Harvey.

Neste trabalho, procuramos trazer algumas contribuições que ajudassem na compreensão de um período bastante complexo e controverso. Apesar de ser um assunto explorado por inúmeros autores, ainda apresenta lacunas abertas e questões inconclusas que, ao nosso entender, ainda está longe de ser esgotado.

REFERÊNCIAS

ABREU, MAURÍCIO DE. A Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. **Implanrio/Zahar**, 1988.

ARRIGHI. GIOVANNI. O longo Século XX. São Paulo: **Contraponto/Unesp**, 1994.

AZEVEDO, ANDRÉ NUNES DE. A Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. **Puc**. 2018

BAUDELAIRE, CHARLES. A modernidade de Baudelaire. Tradução e coleção de Teixeira Coelho. São Paulo: **Paz e Terra**. 1998.

BENCHIMOL, JAIME LARRY. Pereira Passos: um Haussmann tropical; a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: **Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes**, 1990.

BOTELHO, MAURILIO LIMA. Teoria da crise em David Harvey, **Revista Continentes** (UFRRJ), ano 3, n.4, 2014, p. 66-111 (ISSN 2317-8825).



CARVALHO, JOSÉ MURILO DE. Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo. **Cia das Letras**. 1987.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO – Seção 1 de 21/11/1903, página 5321. **Coleção de Leis do Brasil** – 1903, Página 89, Vol. 1

ENGELS, FRIEDRICH, A questão da habitação. Belo Horizonte, **Aldeia Global**, 1979.

FERREIRA, J.; DELGADO, L.A.N. O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2013.

DEBORD, GUY. A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. 4ª reimpr. São Paulo: **Contraponto**, 2003 [1967/1988].

HARVEY, DAVID. Os Limites do Capital, **Boitempo** Editorial, São Paulo: 2013.

HARVEY, DAVID. O Enigma do Capital e as Crises do Capitalismo São Paulo: **Boitempo**, 2011.

HARVEY, DAVID. Materializaciones: París, 1848-1870. París, capital de la modernidad. Madrid: **Akal**, 2008.

HARVEY, DAVID. Las raíces urbanas de las crisis capitalistas. Ciudades rebeldes. Del derecho a la ciudad a la revolución urbana. Madrid: **Akal**, 2013.

HARVEY, DAVID. Condição Pós-moderna. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. **Edições Loyola**, São Paulo, Brasil, 1992.

HARVEY, DAVID. 17 contradições e o fim do capitalismo. São Paulo. **Boitempo** Editorial, 2016.

LEFEBVRE, HENRI. La producción del espacio. Madrid: **Capitán Swing**, 2013 [1974].

LEFEBVRE, HENRI. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo-SP. Editora **Ática**. 1991.

MARX, K. O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: **Boitempo**, 2013.

MARX, K. O Capital – Livro II – O Processo de Circulação do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: **Boitempo**, 2013.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Livro III – O processo global da produção capitalista. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: **Boitempo**, 2017.

LIMA, NATÁLIA DIAS DE CASADO. A Belle Époque: Transformações urbanas, moda e influências no Rio de Janeiro. Artigo, revista História & Democracia, precisamos falar sobre isso. **UNIFESP/Campus Guarulhos**. Guarulhos-SP, 2018.



SCHUMPETER, J. A. A Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucro, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. Rio de Janeiro: **Nova Cultural**, 1982.

SEVCERNKO, NICOLAU. A Revolta da Vacina, Mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: **Cosac Naify**, 2013.

VAZ, LILIAN FESSLER, Modernidade e moradia – Habitação Coletiva no Rio de Janeiro séculos XIX e XX, Rio de Janeiro: **7Letras**, 2002.

WALLERSTEIN, IMMANUEL. Capitalismo histórico e Civilização capitalista, - Rio de Janeiro: **Contraponto**, 2001.

Jornais, revistas e periódicos

NOSSO SÉCULO. Memória fotográfica do Brasil do século XX. São Paulo: **Abril Cultural**, 1980.